

PHÉ

REVISTA LITERÁRIA



7006

ISSN 2674

EDIÇÃO Nº 23
ANO 3
FEVEREIRO/2021





Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Para que serve a literatura? Parece uma pergunta gasta de tão repetida. Contudo, passados dois milênios, se está posta ainda hoje, a questão tem força. É importante não ignorá-la, não menosprezá-la e de todo recomendável que não nos cansemos de respondê-la. Até aqui, foram levantadas as seguintes objeções à poesia e à ficção: a literatura não diz a verdade, não conduz à moral, não é útil e não ajuda a sociedade. São críticas severas, feitas por gente do mais alto gabarito, de Platão a Sartre. Claro que desequilibrados de todos os gêneros embarcaram nessas teorias. É o caso de Savonarola que reuniu em praça pública obras de arte e livros para a sua fogueira das vaidades.

Das artes, a literatura é um alvo clichê. De quem é a autoridade para narrar? Dos poetas ou dos filósofos? Estes últimos foram impactados por Platão cuja república ideal exilaria os poetas que eram contumazes mentirosos. A poesia era o símbolo da imitação, uma percepção defeituosa e ilusória da realidade. Cá entre nós, esse camarada de largos ombros deveria ser um porre. Felizmente, o maior discípulo não foi contaminado pela metrofobia platônica. Ao contrário – Aristóteles escreveu um dos pilares para o estudo da poesia. O discurso antiliterário transformou-se. Depois do classicismo, o problema passou a ser a religião. Se os poetas deveriam ser proscritos por distorcer a realidade, com o aumento do poder da Igreja, deveriam ser exterminados por paganismo.

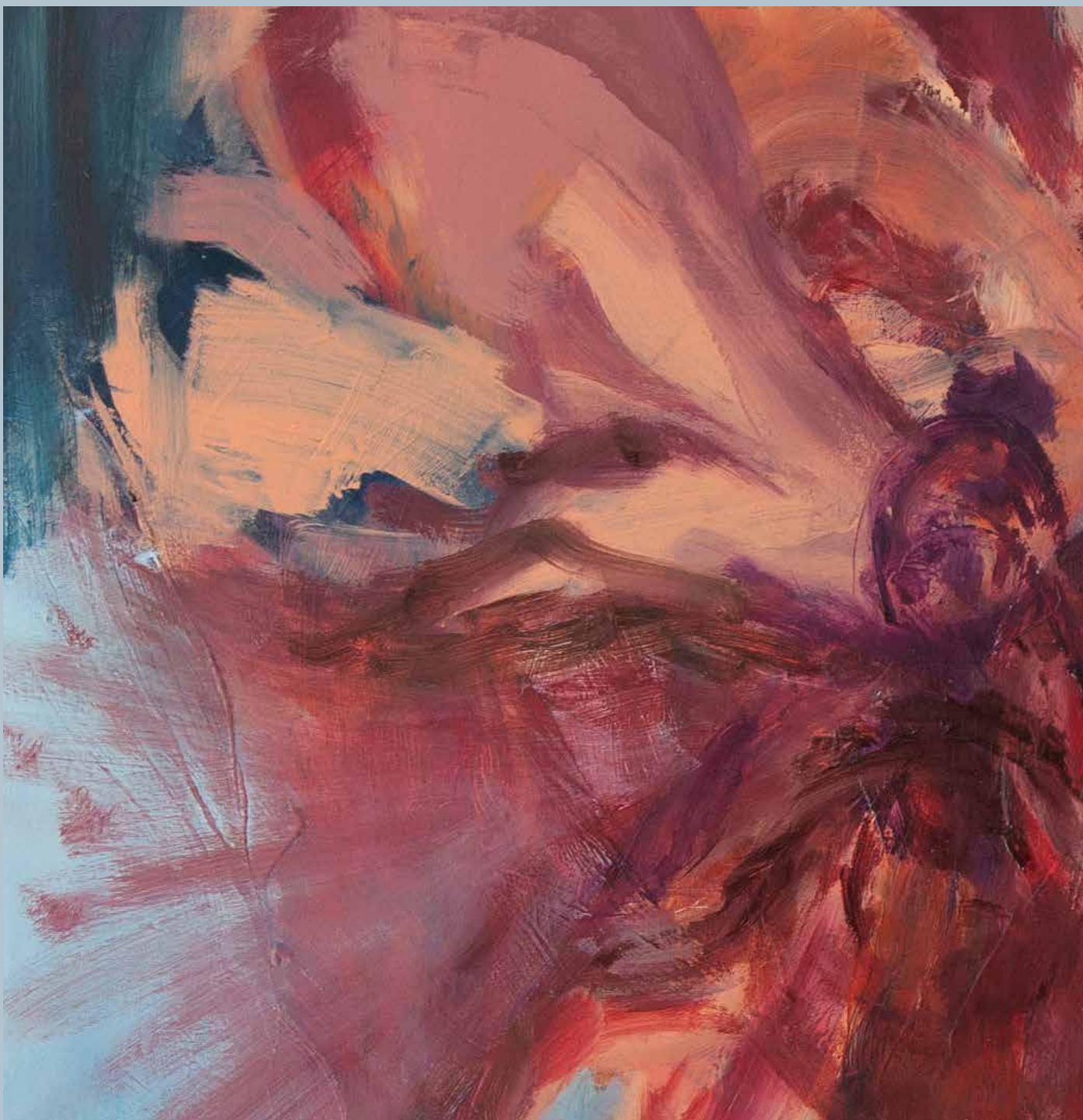
Com a sociedade burguesa, a questão moral foi uma nova estocada que recebeu a literatura. Sejam os escritores, sejam as obras, tudo ligado ao meio artístico representava a corrupção. Noutras palavras – a expressão da realidade nas obras literárias não só era falsa como passível de romper a sociedade civil. Maridos e mulheres que se traem mutuamente, filhos que matam ou roubam os pais, padres que abusam dos fiéis incautos – afinal, que tipo de exemplo é esse? O caso de Quixote é emblemático – ficou louco de tanto ler. A literatura inocularia no leitor uma doença

silenciosa. E mais: a literatura também não é padrão de comportamento na vida política. Golpes, conluíus, traições, revoluções – tudo o que há nos livros não se recomenda para a vida cívica.

Finalmente, a literatura passou a ser vista como um artefato de elite. Medir o conhecimento de alguém com base na leitura seria o supracumulo de uma visão elitista, reservada a uma ínfima camada de leitores que se dão ao luxo das leituras frugais. Quem lê livros de poesia? Quem tem tempo para romances? Forma-se uma casta que forja padrões de autolegitimação e o conhecimento artístico é um desses elementos de distinção. Tocar piano, assistir balé, frequentar vernissages e declamar poemas é um luxo exclusivo para afetados da classe alta. O povo quer algo de útil. Somente a ciência ofereceria a redenção, jamais a literatura. O discurso científico reencarna o fantasma de Platão. Trata-se agora de utilidade. Além de falsa, a literatura seria inútil.

Nem a sociologia deixou de tirar uma casquinha da literatura. Poemas e romances se resumem a fenômenos, artefatos artificiais passíveis de análise como quaisquer outros. Não é mais importante do que estudar tatuagens, piercings, cortes de cabelo e moda. Os estudos literários eram exclusivistas demais e precisavam ser reposicionados para abranger todas as demais expressões, sob pena de se confirmar a velha desconfiança elitista. Se a sociologia relativizou a literatura, a psicologia a colocou no divã e a antropologia pretendeu estudá-la fora dos livros. Aliás, o texto passou a ser um coadjuvante nos estudos literários que, de tão híbridos, deixaram de ser essencialmente literários.

Portanto, é muito válida a pergunta – para que serve a literatura? Se não soubermos responder e contrapor a antiliteratura, prevalecerão todos os discursos que, de uma forma ou de outra, atacam a arte. De certa forma, a despeito do olímpico desprezo que os clássicos rendem a todas essas babosas teorias, está se consolidando a impressão de que somos incapazes de responder a uma pergunta tão simples.



EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon

Artista Visual Convidada: Julia Pereira

Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Adilson Vagner de Oliveira, André Siqueira, Caio Augusto Leite, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Gabriel Mattos, Helena Werneck,

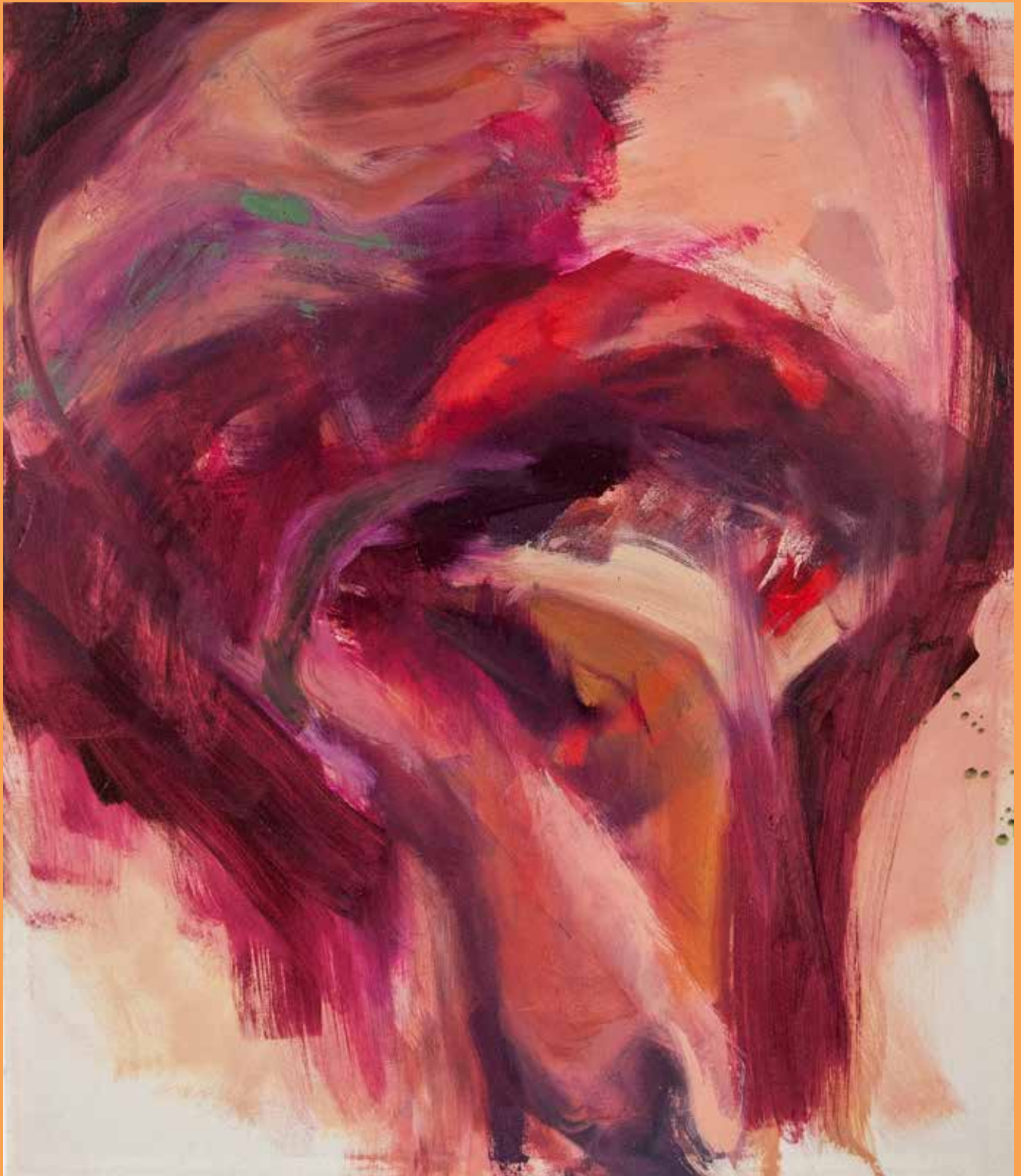


SUMÁRIO

- 2 Editorial
- 6 Olga Maria Castrillon-Mendes
- 8 Adilson Vagner de Oliveira
- 12 André Siqueira
- 14 Caio Augusto Leite
- 16 Dante Gatto
- 20 Eduardo Mahon
- 22 Gabriel Mattos
- 26 Helena Werneck
- 28 João Bosquo
- 32 **Julia Pereira**
- 34 Karina Oliveira
- 36 Klaus Henrique Santos
- 38 Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
- 40 Marcelo Labes
- 42 Marta Cocco
- 44 Nathalia Campos
- 46 Odair de Moraes
- 48 Pablo Rezende
- 52 Rubenio Marcelo
- 54 Santiago Santos
- 56 Stefanie Sande
- 58 Anna Maria Ribeiro Costa

João Bosquo, Karina Oliveira, Klaus Henrique Santos, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Marcelo Labes, Marta Cocco, Nathalia Campos, Odair de Moraes, Pablo Rezende, Rubenio Marcelo, Santiago Santos, Stefanie Sande, Anna Maria Ribeiro Costa.

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba



NUM PESCAR DE OLHOS

**Olga Maria Castrillon-Mendes**

É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/ UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/ UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

AFINAL, ARTE PARA QUÊ?

Definir arte é estar entre frestas e arestas da história, da filosofia, das fronteiras postas pelas áreas. O conceito é tão antigo quanto a herança ocidental que nos constituiu. Os gregos cultivaram o ideal de perfeição, harmonia, equilíbrio e graça. Simetria e proporção fizeram Platão colocar o conceito no mundo das ideias, separado do mundo concreto. Então o Belo (assim mesmo grafado em maiúscula) se ligava ao homem, portanto, uma fabricação humana, intrínseca à arte entendida como obra-prima, portanto, para poucos. Na filosofia, o estudo da beleza é conhecido como estética. Do latim emprestou a noção de técnica, habilidade. Então, um fenômeno artístico que desperta sentimentos, noção que alimentou o século XVIII e a estética cunhada pelo filósofo Baumgarten. Hegel aprofundou o conceito com a noção de belo artístico e belo natural que Kant deslocou do indivíduo, colocando-o no objeto. E por aí o conceito foi-se deslocando historicamente da *mimesis* platônica ao desfoque, desmanche da imagem, ilusão de ótica e por aí afora. Hoje o conceito de arte engloba, inclusive, o meio digital.

É lícito, portanto, questionar, a que caminhos podem levar um debate sobre arte, no contemporâneo? Como compreender o universo artístico múltiplo e os novos paradigmas que a arte impõe aos olhos, muitas vezes, presos à imitação?

A proposta da união entre a arte pictórica e a palavra literária desenvolvida pela revista literária Pixé leva à abrangências interdisciplinares que contribuem para adentrar em tais questões. A revista é inovadora e transcende o lugar comum. Não se localiza; pelo contrário se faz nas fronteiras entre as áreas e rompe os limites do regional, mesmo estampando um título ligado à tradição local. Costuma causar espanto, mas é justamente por esse aspecto que promove a reinvenção e desacomoda o espectador. Porque digo isso? Primeiro porque ninguém se livra das teorias avós que recebeu, como fala Mário de Andrade; depois, toda mudança tende a ser gradual para, em abandono daquilo em que se acredita, abrir-se para o "novo". As implicações que advêm desta prática são, comprovadamente, salutares para a vida toda. Como dizer/mostrar/tornar possível os caminhos percorridos pelos conceitos?

Se ao leitor são dadas condições de ler/ver com liberdade, ou despertar a subjetividade, os paradigmas são ressignificados e acatados tanto e eficazmente, se houver a crença nele. A apropriação pretende ser de dentro para fora, ou seja, da vertical absorção à experiência: um mundo à parte, pessoal, intransferível e nos trânsitos (im)possíveis. Será?!





Adilson Vagner de Oliveira

É professor na área de Linguagens do Instituto Federal de Mato Grosso, Campus Avançado Tangará da Serra, fez mestrado em Estudos Literários pela UNEMAT e doutorado em Ciência Política pela UFPE

DIVIDINDO BARCOS

Desafiar a natureza pode parecer uma heresia quando perdemos a inocência infantil bem conveniente aos oito anos. E quando o verão se demonstrava tão contraditório num turno só, suas sessões de banho do mundo pareciam ter hora marcada para o meio da tarde todos os dias, novos mundos surgiram ao fim de cada chuva de pontualidade inglesa. E como águas de verão só servem para lhe fazer lembrar que andar pelas ruas pode ser uma armadilha anunciada, se não aceitar as experiências das senhoras que todos os dias saem com o seu guarda-chuva embaixo dos braços, como uma espada para enfrentar qualquer desafio.

Aquelas tardes pareciam ser imprevisíveis, até porque não conseguíamos sentir os efeitos da rotina, ainda que todos os dias fazíamos as mesmas coisas, pois, não conhecíamos outras formas de ser.

— Está vendo aquela rua na lateral da casa? Aqui nada existia de asfalto, o bairro era o limite da cidade e não sei, mas nem passava em nossas mentes modificar essas imagens do não-progresso, como você pode imaginar... você está imaginando, não é mesmo? Ao escutar o cair das rotineiras chuvas no meio da tarde, era o momento para correr. Não, não, não era medo de chuva, sabíamos que em minutos teríamos rios violentos passando em nossas ruas, como você está vendo, por baixo dessas calçadas de cimento estão presos dezenas de passados bagunçados na nossa cabeça. Preste atenção no que estou lhe dizendo, são visões incríveis que posso ter agora. Mas de volta aos rios, corríamos para logo iniciar todo o processo de construção dos barcos, sim, barcos. Sabíamos que a chuva seria rápida, como toda chuva de verão, e em breve rios desafiadores surgiriam nas laterais das ruas.

— O senhor está falando de água suja que desce na rua?

Não era suja, eram rios sem história, sem curso definido ao longo dos anos, eles surgiam todas as tardes, quase com hora marcada. Lembra-se quando lhe falei das chuvas frequentes e rápidas durante as tardes? Então, a construção naval era de uma eficiência incomparável com os dias de hoje, construíamos pelo menos uns cinco barcos para cada um. Aliás, você sabe fazer barcos?

E então, depois de todos os sons típicos das passageiras águas, podíamos iniciar nossa navegação infantil diante da violência dos novos rios sem passado que se criavam nos cantos de terra fácil de nos abandonar.

Preste atenção no que estou lhe dizendo!

— Mas, pai... o desenho já vai começar e o senhor ainda não contou tudo o que tinha para dizer, e me trouxe aqui para fora... navegação? Era sobre isso que queria me mostrar a calçada?

Sim, eu queria compartilhar com você minhas memórias de infância, porque quando vejo você se enraizando em tapetes, minha cabeça busca em segundos alguma imagem do passado, era tudo tão diferente, você entende?

Nossa esquadra estava pronta antes mesmo da chuva terminar, tínhamos que ser rápidos, a violência de nossos rios se enfraquecia em minutos. Como era prazeroso lançar ao rio nossos barcos sem tripulação. O futuro era palavra desconhecida, só se conseguia viver aqueles momentos, nada antes, nada depois, e então, as ondas acompanhavam a força da água, alguns lugares eram mais profundos e faziam curvas destrutíveis para nossos barcos.

As imagens de brancas navegações desafiando as curvas dos rios de rua nos fascinavam, espero que esteja imaginando as coisas que lhe digo. Use as imagens da mente, são mais profundas, olhar a calçada, só a calçada, lhe limita a acreditar que só precisamos delas para acordar no dia seguinte.

— Mas como posso entrar em sua cabeça de gente grande e ver as coisas que o senhor está vendo? Eu só consigo ver a calçada...

Filho, eu vejo com a mente porque posso, assim, acreditar que meus dezembros não foram em vão e que tenho muitas coisas para deixar com você, mas também não sei como entrar em suas memórias de menino para lhe passar meus barcos também de menino, mas de outras infâncias.

— Tá, pai! O desenho já vai começar...



chuviscou nos telhados simples
as gotas dançavam dulcíssimas
trespassando os pedestres rápidos
indo e voltando pelo asfalto
empoçado numa renúncia
de quem cansou de tanta gente
que passa e não percebe os cacos
de esmeraldas nos velhos ombros
dos muros plantados nas terras
abertas pelas mãos passadas
silentes no canto da casa
erguida no solo tocado

chuviscou nos telhados simples
as gotas acertavam como
barcos de papel naufragando
no mar de imagens chuviscadas

**André Siqueira**

É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmagens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia *As Manhãs Fechadas* (editora Gatária) foi lançado. Kursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.





OSSÁRIO

este poema que canto
cheio de vida e coberto
de carne fresca morrerá
em breve, será sepultado
pelas horas sem momento
de ser lido, mas depois
de corroído o que foi excesso
de sentimento, como esqueleto do tempo,
será desenterrado por uma voz futura,
e dará notícia do que fui e fiz
se feliz ou triste se alto
ou baixo, gravado nessas palavras
no tutano do vocabulário um poema
guarda a memória do seu poeta
à espera de ser mais uma vez cantado



Caio Augusto Leite

Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro*, *A Bacana*, *mallarmargens*, *Vício velho*, *Lavoura*, *Subversa*, *Literatura & Fechadura* e *Alagunas*. É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.

**Dante Gatto**

Nasceu em 1957, natural de São Paulo, capital. Foi bancário até 1996. Aposentou-se como Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Escreveu peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo* - adaptação (1995); *Retorno ao futuro: a semana de 22* (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). Publicou livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015) e um livro de metodologia científica: *Metodologia da Pesquisa* (2017).

LIBERDADE

Era um projeto moderno. Não havia muro na frente. Uma discreta rampa levava a uma grande porta, protegida por uma varanda ostensiva. Na enorme garagem, caberiam pelo menos três carros? “Muito concreto e aço”, ela pensou. Havia, no entanto, um portão de ferro, ao lado, cuja grade deixava ver um quintal aos fundos, muito bem cuidado, naquele modelo dos jardins de Florença. Um cachorro fazia diferença no conjunto meio opressivo, talvez por trazer alguma coisa de selvagem. Bem claro que ela não tinha nada contra cachorros. Muito pelo contrário. Cresceu com um, cuja proximidade chegava a escandalizar as pessoas. Morreu ele com 16 anos. Ela tinha dezoito e se fechou a qualquer outro relacionamento canino.

O cachorro da grande casa moderna era um pastor alemão com dorso negro. Enorme. Vivia circunscrito a um espaço ínfimo, limitado por uma corrente. Apesar da distância em que o via, sabia que ele estava triste. Um ser magnífico, sujeito àquela situação degradante.

Uma noite, voltando da faculdade, viu-o solto no quintal. Aproximou-se do portão. Como explicaria se a vissem? A curiosidade foi maior que o receio. Olharam-se. Cumplicidade. Ele latiu, no entanto. Ela resolveu continuar seu caminho para evitar problemas.

Na noite seguinte, dispensou a carona e foi tentar nova aproximação. Podia jurar para si mesma que neste segundo encontro, ele sorriu. Concluiu que ele ficava solto durante as noites, porque deveria ser um animal bravo que carecia ficar preso para não atacar as pessoas que eventualmente entrassem no quintal e a noite cuidaria da segurança. Um escravo. Foi só no dia seguinte que atravessou a mão pela grade do portão, num gesto de solidariedade. Ele latiu... Latiu... Latiu... Até o dia em que aceitou o ansiado toque. Ela quase chorou. Ele estendeu-lhe a pata que ela apertou num gesto espontâneo de carinho e solidariedade.

Não mais viu o cachorro depois daquele dia. Noite após noite, moderava o passo quando passava na calçada da grande casa moderna, quando voltava da faculdade, e sem querer chamou a atenção do dono que conseguiu abordá-la e se fazer amigoso. Deu certo. Conheceu-lhe os pais, a arquitetura dos interiores da grande casa, a biblioteca, a sala de vídeo e áudio, o jardim de inverno, o vasto quintal. Por alguma razão que não ousava pensar nunca se referiu ao cachorro.

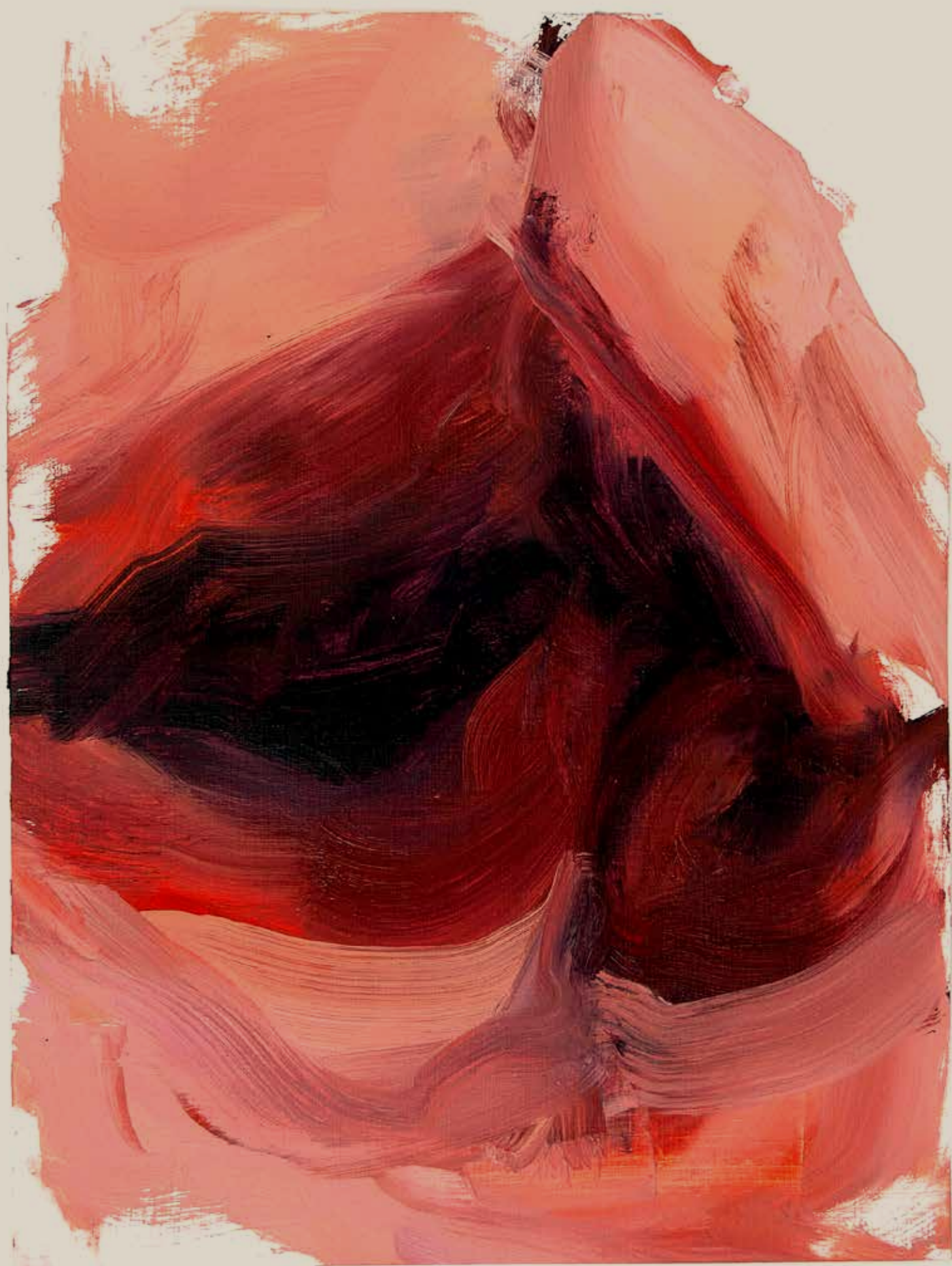
O relacionamento avançou, ganhou intensidade, apesar da lacuna que estava na base da aproximação deles. Um pequeno segredo que não deslustrava o idílio, pensava ela, apesar do estranho receio em falar no assunto.

Ele, no entanto, olhou-a admirado quando soube por uma amiga da paixão dela pelo universo canino. Ela sorriu constrangida como alguém que esqueceu uma data importante e não sabe como pedir desculpas. O assunto não rendeu mais comentários, até que ele quis saber do cachorro dela que morrerá há mais de dois anos. Ela, não obstante tentasse permanecer indiferente e omitisse muitos detalhes, acabou se emocionando. A reação dele pareceu de ciúmes, mas ela, absorvida demais pela dor, não percebeu.

O tempo foi passando e ela teve relativo sucesso em esconder, em um compartimento obscuro da consciência, suas lembranças caninas. Afinal, o amor doía em paz, mas a intimidade dos segredos foi se tornando cada vez mais pesada. O fato é que ela ansiava em saber o que havia acontecido com o grande pastor alemão de dorso negro, mas não ousava perguntar.

Foi numa tarde de domingo em que ela renunciara a todas as possibilidades de distração, porque precisava estudar que a coisa veio à tona. Ele deixou os amigos no clube e foi procura-la. Tinha bebido. Estava visivelmente alterado. Ela não entendeu aquilo, até perceber que ele estava com ciúmes, que desconfiara daquela desculpa do estudo. Acalmaram-se. Ela, disposta a perdoá-lo, apertou-lhe as mãos em um gesto de incontido carinho e ele deu um grito. "O maldito cachorro mordeu-me a mão quando fui prendê-lo. Talvez estivesse inebriado com os carinhos da liberdade". Bem, não foi exatamente estas as palavras dele, mas foi o que ela compreendeu. A marca em sua mão sempre a incomodara.

Afastaram-se.



VISÃO DE FUTURO

À Icleia Lima

O futuro não me chega nos sonhos
Nem nas previsões do tempo que a moça simpática
Exibe ao público dos telejornais
Nunca foi revelado nas cartas, nos búzios, nas runas
Não se encontra em distantes constelações
Nem está tatuado na palma da minha mão

O futuro não está na borra do café ou nos biscoitos da sorte
Não está em nenhum capítulo dos compêndios de estatística
Usados por jogadores que moram em cassinos clandestinos
E, se não é alcançado no céu escuro bordado de pontos de luz,
Também não é visto nas infinitesimais partículas cromossômicas
Desnudadas por qualquer voyeur que se diz cientista

O futuro não é nada do que eu quero
E é tudo aquilo o que não pode ser
Ele está no lombo do cavalo chucro que rejeita o cabresto
Mas também pode aparecer de manhã, no ovo choco que estraga o apetite
Ou ainda, por uma diabólica peraltice, o futuro banha-se no azedume
Do leite fresco que talhou na geladeira sem razão aparente

O futuro odeia sacerdotes, pitonisas e videntes de todos os gêneros
Foge das catequeses, dos rituais e da prescrição dos livros sagrados
Não está em nenhum vir-a-ser que enganou platões de muitas escolas
Porque, ao contrário do que toda gente acredita, o futuro sempre se atrasa
Ele passa o tempo a folhear revistas nos consultórios médicos
Ou, simplesmente, gasta a sola dos sapatos nos elevadores que vão a lugar algum

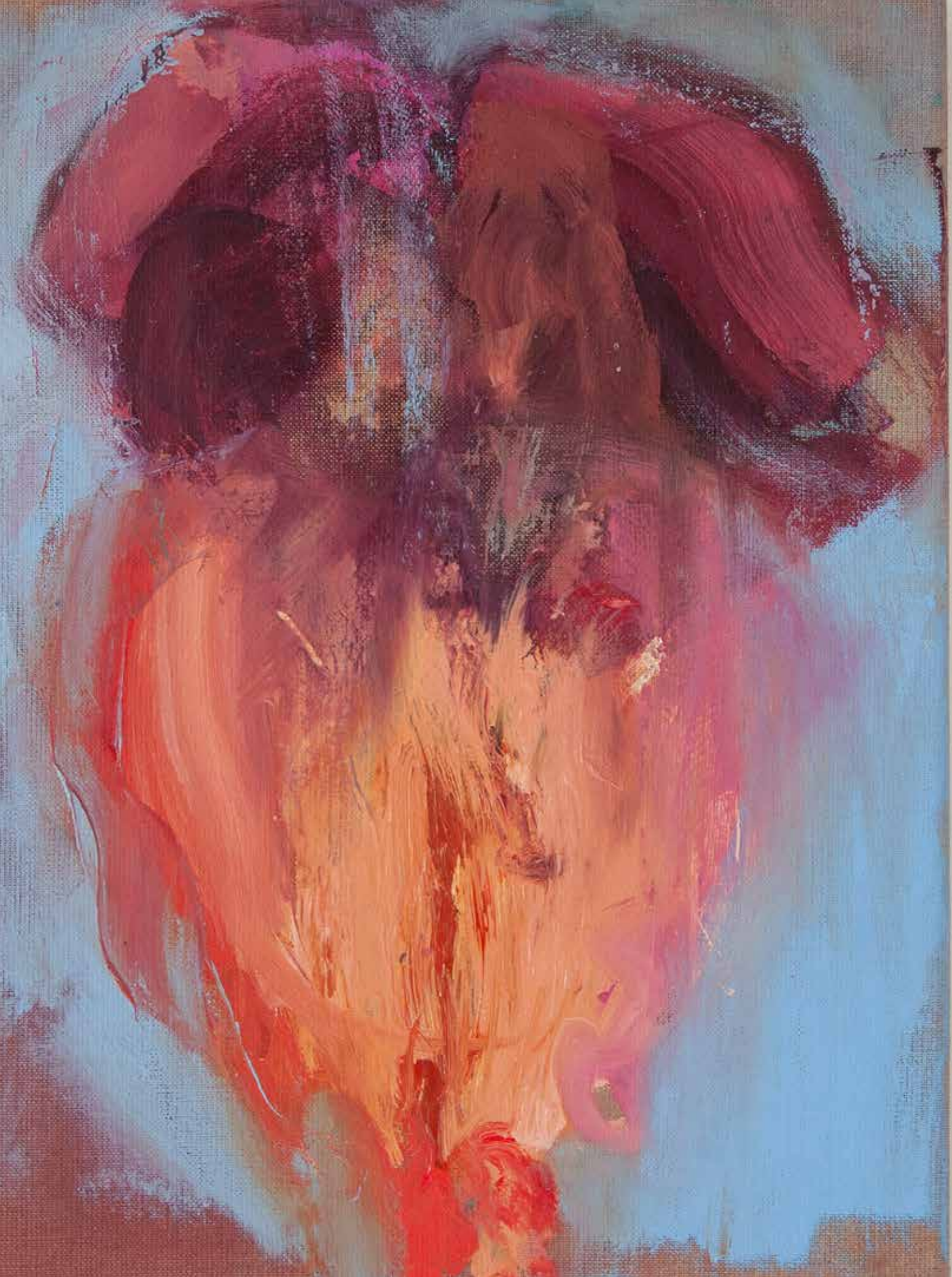
O futuro entranha-se debaixo das unhas do arqueólogo
Descoberto, por acaso, no passado e no esquecimento
Como o fêmur improvável de uma espécie ainda não conhecida



Eduardo Mahon

43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.





**Gabriel Mattos**

É arquiteto, professor universitário, escritor, quadrinista e poeta (bem) bissexto. Participou das revistas *Vôte!*, *Canalha* e *Gorjeta*. **Little Inferno** faz parte do *Universo de Novo Paraíso*, cidade fictícia fundada na segunda metade do século XX em Mato Grosso.

LITTLE INFERNO

Isobel saiu da estrada que deixava Novo Paraíso do Norte. Ainda era possível ver as luzes da cidade, ao longe, com um pouco de boa vontade. Ou muita. E olha que Novo Paraíso (do Norte!) crescera. E muito. Já deixara de ser a cabeça de ponte da “Conquista da Amazônia”, já não tinha mais o “Clube dos Novos Bandeirantes”. As novas (novíssimas?) gerações acabaram com essas referências aos pioneiros; daí a pouco seria inaugurado o Golf Club de Novo Paraíso. Assim mesmo: *Club*.

Isobel saíra da estrada (futura Avenida) para entrar no Posto Novo Oriente. Na verdade, não no posto, mas na entradinha dos fundos, onde uma modesta plaquinha indicava *Little Inferno*. O posto estava aberto, Little Inferno não. Apenas com a porta entreaberta.

O Japonês (ninguém se lembrava mais do nome dele, ficou Japonês do Posto) abriu o posto ainda da Esso (*Só Esso dá ao seu carro o máximo*) nos primeiros tempos da Colonizadora. Depois assumira a distribuidora da Petrobrás, jogara, perdera, e hoje era só o dono do Posto Novo Oriente. E de Little Inferno, o que ele negav,, dizia que alugava o espaço.

Japonês... é, acho que não somos assim tão grandes... – pensou Isobel descendo da camionete cabine dupla e entrando pela porta entreaberta.

O expediente ainda não começara no Little Inferno, pelo menos não o do bar. Havia movimento ao fundo, nos cubículos escondidos, e mesmo atrás do balcão de bebidas.

- Dona Isobel?

Ela ficou tão surpresa quanto a funcionária do sofisticado *Spa Des Dames*, onde ela tratava seus ainda belos cabelos loiros.

- Eh...eu também trabalho aqui. Na *administração*...

Isobel sorriu. É, somos grandes mesmo, vidas duplas na cosmopolita e aberta Novo Paraíso.

- Ah, seo Osmar está ali...

Isobel acompanhou a moça até uma mesa discreta mais ao fundo.

- Obrigado, Moyra. – Agradeceu o envelhecido (mas resistindo!) senhor de barba meio desgrenhada (e salpicada de fios brancos) aboletado atrás da mesa e de um copo de uísque com gelo.

Moyra... Eu é que nunca mais volto lá no *Spa Des Dames*...

- Sente-se, querida.

- Do quinto andar do prédio mais alto de Novo Paraíso a uma mesa do fundo do Little Inferno. Você cresceu, Osmar.

- Você queria me encontrar, marquei num lugar neutro. – mudou de tom - E seguro.

É, seu marido (ex-marido!) crescera para baixo mesmo.

- Sabe que o Japonês batizou este bar de Little Inferno em homenagem à música daquele filme de discoteca? Só que a música era Disco Inferno...

- Seguro, Osmar?

Ele bebeu um gole do uísque. Fez que sim com a cabeça.

- Mas já estou me aprumando. Vou entregar uma das fazendas. Você e as meninas vão ficar de fora dos processos... de tudo.

Isobel olhou a decoração da boate (*bar* uma ova!). Até que era discreta, meio forçando um ar sofisticado. Na falta de outro espaço assim em Novo Paraíso...

- Não posso ficar muito fora da fazenda...

- Já conversei com seu pai.

- Então a nossa situação está “estruturada”. – Era a expressão do Velho: Situação Estruturada.

- Ele não ficou muito contente, mas foi o que deu para fazer. Vamos ficar aqui pela cidade, pelo menos até as coisas acalmarem.

- É, aqui é seguro. Se você voltar pro Paraná, tem outros policiais, outros jornalistas.

Isobel lembrou da Storyville de New Orleans (ela, e Osmar, adoravam *Pretty Baby*), da Rua do Siriri em Aracaju (também gostava, só ela, do livro do Amando Fontes) e da *Sin City* da violenta história em quadrinhos (ela só lera o primeiro volume, não vira os filmes). Lugares de exceção, lugares onde as estruturas não existem. Como viera parar ali, nesse enredo de novela *hard boiled*?

E Novo Paraíso do Norte era tão *Canaã*, tão novo começo, esperanças. Osmar assumindo um pedaço do patrimônio da família, ela dando aula no primeiro curso superior de Letras e Literatura da cidade, as filhas...

- Cadê seu cunhado?

- Com a Gisella no Canadá. Aquela maluca acha que vai conseguir roupas chiques pra boutique dela no Canadá! Eu iria para Milão...

O cunhado foi que os apresentara, um sujeito meio vida torta (também) como Osmar, mas que acabara se organizando, pelo menos tocava a fazenda de soja numa boa. Osmar quisera mais.

- Você vai na inauguração do Golf Club? – pense no futuro, Isobel, você tem duas filhas.

- Gosto como você não pronuncia o e. E... bem, fiz as contas, tenho 0,03% do Club, vou levar uma daquelas bandeirinhas de buracos, não dá nem para levar um carrinho elétrico. Se o clima estiver calmo, dou uma passada.

- Ótimo, me avise. – Ela se levantou – Era só isso, daqui a pouco estamos divorciados, e parece que aquela separação de bens foi uma boa decisão.

Ele só bebeu mais um pouco do uísque, já aguado.

Isobel deteve Moyra (Moyra!) que se prontificava a leva-la até a porta. Deixou o ambiente fechado e saiu na noite que já tinha começado.

A camionete cabine dupla ficaria com ela, as filhas estavam com o colégio particular pago até o ano que vem, a casa (nem um pouco modesta) estava no nome dela. Uma poupança para as meninas e uma conta obscura num banco obscuro para ela. O Velho gostava dela, afinal de contas. Pena que Osmar ficara no caminho. Era muito bom poder fazer planos novamente, pensou enquanto sentia o ronco do motor dois ponto zero sendo ligado.

Entre o Posto Novo Oriente e a entrada da cidade chorou um pouco.





FERAS

Pensei que eu sabia escrever
Mas na verdade eu não sei mais
As palavras que antes pulavam hoje ficaram pra trás
O tempo e a saudade já não me causam a angústia das sílabas rimadas
Não bebo mais vinho na rua do homem que engolia espadas
Hoje eu vivo num quarto branco num prédio cheio de escadas
Hoje eu acredito em feras
Antes eu acreditava em fadas

MORTE

Trago a notícia bucólica
O pecado que nos rodeia
O meu coração dói de cólica
E por isso o sangue não bombeia
Pele fria molhada e clara
Dormindo sobre o sereno
As vezes a joia mais rara
É também o pior veneno
Como como quem tem fome
Morro de amor todo dia
Vivo por amar mais um dia
Meu peito que nem batia
Hoje batuca o seu nome



Helena Werneck

Cuiabana, formada em Secretariado no IFMT, e vencedora do prêmio de literatura de Mato Grosso de 2017 categoria revelação com a obra de título “Nu”.

O TEMPO NÃO PARA

Logo depois de despertar
Abrir os olhos, ver o mundo
Com a cabeça fresquinha
Bate uma vontade de escrever

As escrituras, dessa hora
Sai aos borbotões
Uma frase atrás da outra
Até a tosse, tosse, tosse
De um antigo cigarro
Faz-nos refletir
Que não somos perenes...

– E o dia continua a correr.

PRIMEIRO DE JANEIRO

Anteriormente, anos atrás
Todo primeiro de janeiro
Provocava um novo poema
Agora nem tanto

A juventude via o ano novo
Com alegria, sem fastio
Com uma certa ansiedade
Um certo querer em consertar o mundo

O mundo, de lá pra cá, continuou o mesmo
Mas com mais gentes e superpopulações de famintos

Com o passar do tempo acabei por descobrir
Que não posso mudar muita coisa
– Quase nada –
Apenas, com muito esforço, o meu interior
E as sequências das palavras no poema.



João Bosquo

poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro *Abaixo-Assinado* (1977), em parceria com L. E. Fachin; *Sinais Antigos* (1981), *Outros Poemas* (1984), *Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol* (2006), *Imitações de Soneto* (2015) e *Seleta Cuiabana* (2019); participou das antologias *Abertura* (1976), *Panorama da Atual Poesia Cuiabana* (1986), *A Nova Poesia de Mato Grosso* (1986) e *Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas* (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo *NAMARRA* (1984/86) e coordenou o projeto *POETAS VIVOS* (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.







Julia Pereira
Artista Convidada

BIOGRAFIA

Atualmente posso dizer que o gatilho para o trabalho é tanto a minha relação comigo mesma quanto as minhas relações afetivas íntimas. Percebo que ao longo do processo, a pintura ou fotografia, se transforma em outra Coisa. O resultado dialoga com questões sobre o meu próprio corpo, suas pulsões, desejos, exorcismos e a tentativa de capturar o tempo presente para não deixar morrer.

O isolamento trouxe mudanças na minha produção artística, os processos e resultados, então vejo a minha poética passar por um momento de transição.

CURRICULUM ARTÍSTICO

1991, São Paulo | 11 99491-9484 | ju.peartree@gmail.com | <http://juliapereira.com>

FORMAÇÃO

- 2020 Pós Graduação Lato Sensu em História da Arte: Teoria e Crítica, Centro Universitário Belas Artes SP
- 2018 Bacharel em Artes Visuais: Pintura, Escultura e Gravura, Centro Universitário Belas Artes SP

Complementares

- 2020 Arte e Psicanálise com Bianca Dias, Instituto Adelina
- 2019 Arte em Andamento: A Quebra da Pintura, com Julie Belfer
- 2018 Acompanhamento de pintura com Rodrigo Bivar, São Paulo
- 2018 Leitura de portfólio com Marcelo Amorim, Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto
- 2018 Elaboração de portfólio com Roberta Tassinari, Ateliê Alê, São Paulo
- 2018 Arte: Como Ver e Entender com Julie Belfer, Casa do Saber, São Paulo
- 2016-17 Pintura: Prática e Reflexão com Paulo Pasta, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo
- 2013 Coolhunting ; Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo
- 2012-13 Design de Moda, FAAP, São Paulo
- 2010-12 Fashion Design, Amsterdam Fashion Institute, Amsterdã Holanda

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 2019 26º Salão de Artes de Praia Grande, Palácio das Artes, Praia Grande
- 2019 29ª Mostra de Arte da Juventude, curad. Ana Roman e Marcelo Amorim, Sesc Ribeirão Preto
- 2019 Paralela EIXO, Galeria Reserva Cultural, Niterói
- 2019 Mulher É+, curad. Andrea Mendes, Espaço Subsolo, Campinas
- 2019 Abraço Coletivo, curad. Paula Borghi, Ateliê397, São Paulo
- 2019 2o Festival de Pintura, Instituição de Arte UNESP, São Paulo
- 2019 Coletiva EIXO 2019, Galeria Reserva Cultural, Niterói
- 2019 Tardes de Terça, Centro Cultural e Histórico Mackenzie, São Paulo
- 2018 1o Festival de Pintura, Instituição de Arte UNESP, São Paulo
- 2017 Ciclos Cruzados TCCs Artes Visuais, Galeria Marta Traba, São Paulo
- 2017 Espaço do Olhar, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo
- 2017 3a Mostra Belas Artes, Galeria 13, São Paulo
- 2016 Espaço do Olhar, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo
- 2016 O que vem de dentro, Centro Compartilhado de Criação, São Paulo
- 2015 Mostra Belas Artes, Galeria 13, São Paulo

PREMIAÇÕES

- 2018 Prêmio (In)Formados Belas Artes: Melhor Aluna do Curso de Artes Visuais, Centro Universitário Belas Artes, SP
- 2010 International Baccalaureate Visual Arts Prize, Antwerp International School, Bélgica



O CÃO

“Espere aí, na porta”, dizia a velha à criança, como se existisse uma linha imaginária que as separavam. De um lado, a pequena, filha da inquilina, aguardava, sem se mover, do lado de fora da casa, num pedaço pequeno de quintal, que mais parecia um corredor. Do outro, a dona da casa, que, por dentro da residência, ditava as regras.

“Não entre” era a frase mais falada. Acostumada, a criança já nem dava a intenção de que fosse entrar. Como um cachorro, foi adestrada para respeitar os limites invisíveis de onde poderia pisar, mas ansiava que, se se comportasse bem, poderia conhecer os mistérios interiores daquela casinha. O que teria lá dentro? Um mundo secreto de adultos gigantes? Ou escondiam um bicho-homem com ares grotescos? Não sabia. Apenas imaginava.

Mas, mesmo que pequena, seu coração sentia a rejeição dos grandes; a seriedade na voz, mesmo dizendo em tom sereno com um sorrisinho no final. Isso, às vezes. Na maior parte, era um firme e estridente “espere aí fora!”.

“Mas por que até o cachorro da casa pode entrar e eu não?”, pensava a criança. Não entendia.

E a mesma frase era dita pela filha da dona da casa, ainda criança, que, como um espelho, refletia as mesmas palavras com o mesmo tom impetuoso: “espere aí fora. Não entre”. E como um cão, com o rabo entre as pernas, ela saía triste e aguardava no quintal.



Karina Oliveira

É paulistana de sangue baiano, é jornalista e comunicadora. Graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo, viu na arte da escrita poética seu lar pessoal. Já atuou como repórter e redatora. Hoje, gravita entre o universo das pautas, dos contos e da poesia.

COMPAIXÃO

Estava na mesa olhando as borbulhas no copo de cerveja. Ergui-o de encontro à luz e quase o derrubei ao ver o rosto de um menino morto ali dentro. Voltei a mim e ele estava sentado ao meu lado, encharcado como no dia em que morreu.

Olhou-me e sorriu. Seu hálito pútrido exalava morte. Tocou uma de minhas mãos e pude ver o momento de sua partida. Era um sábado à noite e a família estava viajando para visitar a avó de Alex, que havia sido internada às pressas em um hospital da capital, centenas de quilômetros distante da província. Tudo corria bem, quando, próximo a uma ponte, uma carreta tocou a traseira do Kadett Ipanema em que a família estava. O pai de Alex esforçou-se para manter o controle da direção, mas o carro derrapou e a barra de contenção da ponte não conseguiu segurá-lo. O menino foi o único a sair. Os pais e os dois irmãos foram sepultados no carro. Mesmo sendo um exímio nadador, Alex não conseguiu vencer a correnteza, que o empurrou de encontro a uma barreira de pedras. Bateu fortemente a cabeça e desmaiou. Em seguida, as águas também o enterraram. Seu corpo foi encontrado cinco dias depois, preso à galhada de uma árvore.

O garoto lamentou-se pela morte precoce, dizendo-me que estava extremamente só. Desde o acidente, ele não vira mais a família. Queria me fazer companhia, pois disse saber o tamanho da minha solidão. Senti gratidão pelo pequeno fantasma e lhe ofereci bebida, que ele recusou. Pediu apenas que, assim que me fosse possível, procurasse pelo túmulo da família no cemitério, acendesse algumas velas e orasse. Alex anotou algumas frases no meu bloco, sobre o que eu deveria dizer quando estivesse diante dos restos mortais da família. Anotou também os nomes que estariam lá, já que Alex era o nome com o qual ele iria reencarnar. Prometi atender-lhe o pedido e tomei nota de tudo. A amnésia alcoólica, porém, mais uma vez triunfou.

Hoje, meses depois, encontrei parte das anotações no porta-luvas do carro. Infelizmente, perdi a página onde estavam anotados os nomes da família. Vou para o bar mais tarde, beber sozinho naquela mesma mesa. Talvez o fantasma do menino mais uma vez se compadeça da minha solidão e apareça para um papo. Talvez nesta ocasião ele aceite um drinque enquanto escreve em meu bloco de anotações.



Klaus Henrique Santos

Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).



SINESTESIA

O que digo, escrevo, penso
Quem ouve ou lê ou imagina
Prova o sabor
Sente o cheiro
Vê a cor
Escuta o eco...
O eco das marcas e provas
Que o espírito deixa no corpo
E terá o peso que lhe cabe na alma.

E sempre
Ver você assim (de) perto
Tudo é emoção e é racional e é vibrante
Querer você assim bem (de) perto
Tudo é breve e é longo e é constante
Sentir você assim mais (de) perto
Tudo é pouco e é maior e é o infinito
Tocar você assim muito (de) perto
Tudo é corpo e é alma e é o espírito
Ter você assim muito mais bem (de) perto
Tudo é denso e é calma e é descanso e é intenso
Tudo é você assim de perto e é entre e é o dentre
E o sempre



Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida

É doutor e livre docente, professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo-USP de onde é, atualmente, chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

o homem morreu em meus braços
como quem descansa como quem
exausto dispensa água ajuda abraço
o homem morreu em meus braços
mas antes olhou as horas no relógio
de pulso; operário, sabia do valor
de um dia útil para si e para os seus
não morreu dormindo, porém, mas
desperto, entre o sábado e o domingo
(quando finalmente o esperado
descanso). voou antes que eu lhe
disse Voa, pai, que o céu é grande
e também a eternidade. voou como
pássaro que era, um canário da terra.

enquanto ainda respira é um homem
mesmo que não tenha visto os fogos
mesmo que não saiba que o ano terminou
para recomeçar outro, este em que estamos
enquanto ainda respira é um homem
é um pai é um avô é um ser humano
cheio de falhas e belezas como nós
todos enquanto ainda respiramos
enquanto ainda respira é um homem
mesmo que depois, mesmo que depois
enquanto ainda respira enquanto
ainda respira, mas e depois? por
enquanto respira entre ofegante
e tranquilo, mas e depois, e depois



Marcelo Labes

(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraíso-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).





CORTE

Na hora fetal,
haja sangue!
 Formação.
Na hora natal,
haja sangue!
 Arrebentação.
Na hora geral,
haja sangue!
 Circulação.
Na hora laboral,
haja sangue!
 Expropriação.
Na hora fatal,
haja o sangue que houver
 Decomposição.

Saiba em vida:
O único banco que te pertence é o do sangue.

Quanto mais, menos.
 Mais depósitos,
 menos pertencimentos.

Saldo em vida:
 raros vampiros
 e uma legião de doadores.

Quem quer que seja
que seja sabendo o que é.

Servido na bandeja.



Marta Cocco

Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.



**Nathalia Campos**

Mineira de Belo Horizonte. Escritora, doutora em Letras pela UFMG, professora e revisora. É autora de *Desinifinito* (Patuá, 2017) e *O guru da Lopes Chaves* (Nea-Edições, 2016), com publicações em antologias e periódicos, nacionais e internacionais. Está entre os doze novos poetas brasileiros contemplados na antologia bilíngue *Inventar la felicidad – Muestra de la poesía brasileña reciente* (Vallejo & Co., 2016), organizada por Fabrício Marques e Tarso de Melo. É colunista do site *Homo Literatus* (<https://homoliteratus.com/>).

ENTRE PENAS

Aos 33 anos, após um semiterminada tese de doutorado e uma coleção de desilusões, uma dor intermitente no pescoço se esquece de ir embora. Um exame de imagem revela minhas primeiras desairosas rugas interiores: protusões cervicais nos discos 5 e 6. “Antessala da hérnia”, me esclarecem, enquanto minha jukebox toca um tango argentino.

Não posso evitar pensar que o flagelo é resultado de um imperdoável descuido da minha parte: consumi toda a minha provisão de palavras (será um tipo catalogado de gula?), assim, já na metade do caminho. O corpo, sem alternativa, foi precocemente forçado a aprender a falar, digo, a berrar.

Minha personagem está desmoronando, e, sem ela, não há como chegar do lado de lá. Na falta de argamassa, resta doer e dançar, o que, no final das contas, deve ser a mesma coisa.

Começa a saga do tratamento. Não estou habituada a ter, que dirá a ser, um corpo. A dor é seca e tenaz; os dias se sucedem para frente e para trás. Nenhum sinal de sabedoria (ou, quem sabe, o seu contrário raiar): nada, além da dor e da raiva. “A dor é um elemento em branco”, ninguém a definiu tão bem quanto Emily Dickinson. Não creio na existência de um clímax no infinito, até que o milionésimo jaleco branco de um plantão ortopédico me sentencia nova graça: “*ombro doloroso instável*.” Mal contenho a vontade de dizer: “e o que é que vem antes, doutor? o doloroso ou o instável?” “se o suplício é só no ombro, por que será que todo o resto também dói?”

De repente, sinto a flecha envenenada da indústria farmacêutica me acertar em cheio: diclofenatos, profenos, zepans, tramadoís. Minha inteireza é acaçapada naqueles meus dois ombrinhos franzinos, que pesam como os de Atlas. Já posso até ler meu epitáfio: “Aqui jaz aquela que, enfim, deu de ombros.” Ou talvez: “Enfim, a personagem desistiu.”

Aos familiares, amigos, vizinhos, conhecidos e desconhecidos, prefiro a versão concisa do meu mal, para não ceder ao Gardel obsessivo: "Dói. Tudo. Pra. Caramba."

A versão longa, reservada para as superfícies felpudas da escrevedura, é que, na vida, não sei dar de ombros, o que, em bom português, quer dizer "ligar o foda-se". Sofro de ombrose, em meu próprio diagnóstico, mal de Quasímodo, uma síndrome cumulativa de penas e culpas bestiais, entre reais e imaginárias. Um excesso de carga que recua aos primeiros sinais de saturnismo na minha natureza, à primeira mochila pesada da escola, ao primeiro joelho ralado, à primeira nota baixa, à primeira morte chorada, à primeira certeza de que a vida era lenha. Tudinho sempre embalado pelo tango. O tango sempre foi a minha trilha (oxalá eu não seja a única).

Mas o tango, que ironia, me leva a outras penas, as que são protagonistas do meu autodiagnóstico, que até começa bem poético: sou um pássaro privado de voar, obrigado a viver no chão, entre as galinhas. Não ter asas não dói; o que dói é tê-las e sofrer com o seu desuso.

Antes de mais nada, você há de concordar que, no quesito metáfora para o "gran-uno-ser-humano-superior-sábio-zen-zoroástrico-iluminado-ideal-espiritualizado", a nobreza de águias, condores, cegonhas e gaivotas é indisputável, e por isso tão solicitada por retóricos e poetas.

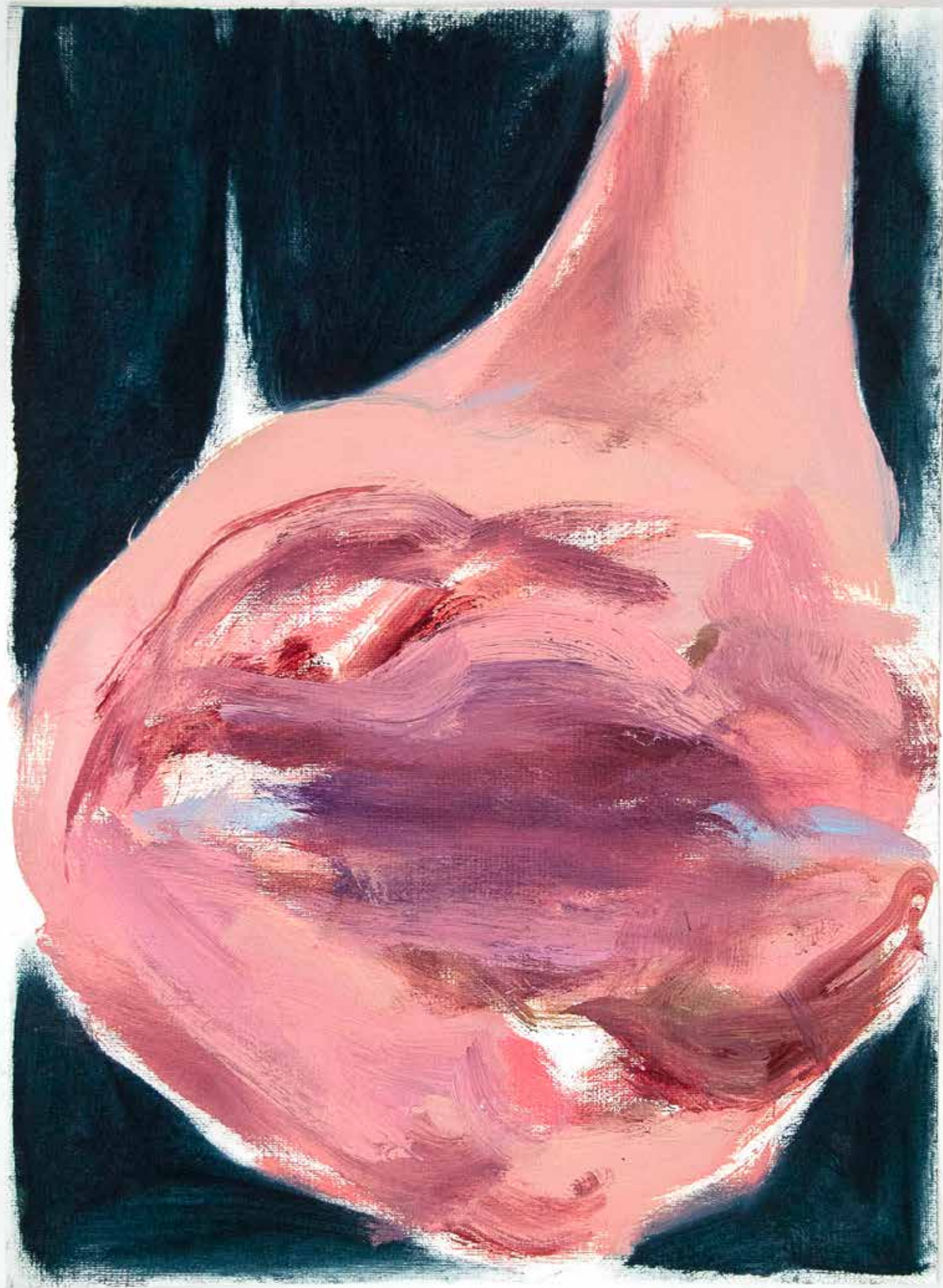
Onde é que entram, então, as galinhas? O que é que pretendo ao evocar galinhas nessa página resmungona sobre degeneração discal & ombros pesados?

Você me perdoe a sabedoria, mas *constato* que só mesmo a dura intimidade com o chão pode preparar para o céu. Não, Deus não dá asas a quem não sabe voar. Só a rota circunscrita do quintal forma para a imensidão do infinito. E só enquanto cisca, em educativa prisão, a galinha aprende a grandificar cada grão.

Entre um pulo trôpego e outro, empoleirada entre outras desenxabidas *rigorosamente* iguais a ela, a galinha sabe cair porque aceita o chão. E a repetição dessa tentativa parece destinada a se tornar algo divertido e enternecedor.

Talvez por isso as galinhas despertem com tanta frequência a afeição encantada das crianças, afinal, o que são as galiformes senão aves infantis, no melhor sentido da palavra? A privação do voo não é um tormento; é um fato consumado, mas apenas temporário, na linha evolutiva. Imagino que cair se torne, no cotidiano galináceo, antissolene, assim como a presumível dor ou o incômodo da queda. As galinhas ensinam a ser leve e competente para a tarefa redundante da existência: cair e levantar. Isso sem falar que elas se deixam criar, condenadas à utilidade estrita de irem parar na mesa (antes ou depois do ovo).

Poderia assentar minha tese em dizer que as galinhas são dignas de nosso mais desavergonhado respeito. Mas acho que já entreguei que quero ir mais longe: preciso dizer que somos, todos – eu e você – galinhas. Sejam convictas galinhas, portanto, até que, entre penas, façamos da terra o céu.



SÍLVIA

Sílvia virou de lado e contou pro amante que, durante o orgasmo, experimentara uma sensação única. Não sei se consigo explicar. Mas, enquanto gozava, senti a alma flutuante. Como se ela me abandonasse o corpo por alguns segundos e, depois, fosse voltando pouco a pouco, vagarosamente. Caminhou em direção ao frigobar enrolada na toalha. Apanhou duas cervejas. Comentou que tinha lido sobre uma expressão francesa, que, trazida para nosso idioma, significava a pequena morte. Há algumas semanas tomara coragem e entrara num *sex shop*, no Centro. Comprara um consolo. Macio e confortável, experimentara-o algumas vezes. Gostara bastante. Enfim encontrara uma alternativa para o chuveirinho. Apenas o toque diário durante o banho já não saciava. Chegou a procurar um médico no começo do ano. Tudo normal com a senhora. Não teria um remédio? Alguma coisa que controlasse a libido? Precisava tanto... Quando o marido chegou de viagem, correu toda animada para mostrar-lhe o que havia comprado. Irritadíssimo, acusou-a de traição. Estava sendo injusta com ele. Tentou explicar que sentia certas necessidades. E, levando em consideração que ele não estava presente durante a semana inteira, não dava ousadia para ninguém. Nada mais justo portanto que pudesse se divertir quando sentisse vontade, ainda que solitariamente. Nada demais. Era uma mulher de respeito! Como se não bastasse ter confiscado a sua mais nova aquisição, o corno se viu no direito de dar um fim em tão estimado objeto, que até nome já tinha recebido. Embrulhado em recortes de jornal, atirou o caduceu dentro de um córrego. O carro em movimento, enquanto voltavam das compras. Pronto!, exclamou, assumindo as feições do pai do avô do padre. Eu tinha a intenção de usar com você, amor!, ela confidenciou, numa tentativa explícita de confortá-lo. Agora, naquele motel de periferia, se refestelava nos braços do outro como uma desvairada. Você trouxe o gel? Come meu cu.

**Odair de Moraes**

(Ôda), cuiabano, autor de *Contos Comprimidos* (Multifoco, 2016) e do volume de haicais *Instante Pictórico* (Carlini & Caniato, 2017).

A PASSAGEM DOS DIAS

"E a vida sempre me doeu, sempre
foi pouco, e eu infeliz"

Escrevo versos como quem morre
De Ansiedade... de Depressão...
Os dias são me iguais porque são dias
Não sinto as emoções que deveria sentir
Não doem as dores que deveriam doer
O livro aberto
A porta aberta
(Me são distantes as coisas próximas
Me são frias as coisas quentes
Me são amargas as coisas doces.)

Venlafaxina
Olanzapina
150 mg
5 mg
2 comprimidos de manhã
1 comprimido à noite
Não misturar com o álcool
Não misturar com o nada
Não misturar com o tudo.

Desalento
Os olhos em fuga
O corpo em náusea
Com as mãos incendiadas
As coisas concretas me parecem ilusões
Nada posso tocar
Os dias são me iguais porque são dias
A mesma palavra
A palavra fechada
O corpo fechado
(Me são insensíveis as coisas sensíveis
Me são insignificantes as coisas significantes
Me são infelizes as coisas felizes)

Venlafaxina
Olanzapina
150 mg
5 mg
2 comprimidos de manhã
1 comprimido à noite
O mesmo remédio
O mesmo veneno
Dia após dia.

Desencanto
O gesto pálido
O tremor das mãos
Inibidores de tristeza, de angústia
Inibidores de sentir
Inibidores de mim mesmo
(De meu verso de fogo
De meu verso de sangue).



Pablo Rezende

É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/ Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro *O dever e o haver*, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.





SINA E TEMPO

este mesmo instante
de agora
[em que pardais gorjeiam minhas retinas]
este mesmo milésimo de segundo
baterá amanhã
no mesmo instante imutável...
– e eu
neste mesmo pulso da rotina
mirarei gorjeios?

há pássaros que nos visitam
a cada insaciável instante
a cada respiração da volúpia do tempo
na trança de um renascer
em pendões de liberdade
nas plumas de lampejos
que aninham horizontes...

ante guilhotinas de anseios
que murmuram aos ouvidos das manhãs
no folheio das horas
há sóis e nuvens
sempre
convidando retinas... a sós.

ELEGIA AO PANTANAL

OU GRANDES SENÕES... LABAREDAS

No compasso do hostil mormaço

línguas vorazes

incandescentes

tisnam com lambidas encarnadas

as onduladas cortinas

e os verdes mantos suspensos

cravados em léguas sem réguas

de múltiplos mapas que desafiam horizontes...

línguas vorazes

sedimentando tristezas

lambendo arredores

ardendo dores

na planície assustada,

no chão sangrado,

nos rios, nos sangradouros, nas baías e corixos,

nos campos e moitas,

nos bichos acuados,

nas matas e cerrados e nas plantas

em espasmos chamuscados de revoltas...

línguas vorazes

clareiras e lareiras

assinaladas por cortes a ferro e fogo,

chaminés de cifras sem licença prévia

tostando ares e hectares...

engolindo pontes

cortando os pulsos da aurora

sucumbindo o azul dos voos e cantos alados

à revelia da razão,

tendo as vísceras da inclemência como guia...

línguas vorazes

com cascos e trotes de fúria

em colos de arrobos traiçoeiras

e alqueires de torcicolos ruminados em fornalhas

semeando focos de vertigens de toda laia

na carona dos ventos cifrados

em penúrias e gulas

intimando os arvoredos, viveiros e ninhais...

ah, línguas pungentes,

transpirações de lavas dos cânticos finais,

fagulhas de ímpetos corrosivos

mirando a cumeeira da piúva pantaneira:

onde a morada dos tuiuiús

era messe convidativa para sonhos inexplorados...

agora... apenas um vazio

um soluço adormecido... à míngua...

a flama nua... sem fama

a aridez insepulta

numa penumbra

implume... impune!



Rubenio Marcelo

É membro efetivo ocupante da Cadeira 35 da Academia Sul-Mato Grossense de Letras, da qual foi secretário-geral e atualmente é diretor cultural. É membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Poeta, escritor e compositor, possui treze livros publicados (3 em coautorias) e três CDs – uma de suas obras mais recentes: o livro *Vias do Infinito Ser* (poemas) está indicado para o Vestibular 2021 da UFMS.



**Santiago Santos**

Escreve em Cuiabá, bebendo um tereré. Também traduz e prepara textos, entre outros trampos. Há um bocado de tempo publica minicontos no flashfiction.com.br e parte desse compêndio de ficções breves desembocou na coletânea *Algazarra* (2018, Patuá) e, um pouco antes, ajudou a dar forma à road trip inca *Na eternidade sempre é domingo* (2016). Fora desse ecossistema, destaque pra noveleta *Hei, hou, Borunga chegou*, publicada na revista digital *Mafagafo* (2020).

DE REGAR PLANTA COM CUSPE

Dona que deu. Disse que não queria mais porque já nem lembrava que tinha. Sobra pra lá dos dedo, mas nada. Me sinto rainha. Vi uma outra no ônibus olhando pra elas. Sabia que eu não tinha comprado. Dona faz isso sem saber, me veste de modelo de coleção passada, eu feliz de ter coleção pra mostrar. E quem não tem.

Dona também me dá sobrecoxa de frango. Quando sobra da terceira requentada. Requento com óleo, como com pão que ela dá também, de fôrma, tirando bolorinho, não deixo jogar nada fora, assim, sem eu ver. Como assistindo TV. Dona parcelou pra mim no cartão, desconta de vale no salário. Meu neto Lérinho tá no Pomeri. Fico com medo dele sair e entrar aqui quando eu tiver no serviço e vender a TV pra comprar droga. Lérinho é bom, eu sei porque eu criei. Mas se mete na rua com esses sem-vergonha, foge da escola, cabeça de guri é fraca. Deus, salva o meu Lérinho.

Pai dele, meu mais velho, até tenta, mas o guri sofreu demais. Na mão da mãe, quando foi morar com ela no Espírito Santo. Nem um ano e estragou dum tanto. Queimava o guri com colher quente se ele não fazia tarefa, se malcriava em casa. Ferro e brasa. Pai dele buscou, depositou nos meus braços, eu confortava nas primeiras noite, ele gritava, gritava. Deus, lembra do meu Lérinho quando ele tiver sozinho. Ele nunca vai tá porque tem Você, mas ele ainda não sabe.

Dona tá brava. Que eu perco horário. Perco pra visitar Lérinho no Pomeri, levo folha, escova, fruta, chinelo. Dona dá vale mas quer que eu chegue e saia no horário. Dona é boa pra mim. O mundo é desgracento, pobre precisa de dona. Político aparece no bairro, promete asfalto, ônibus, tijolo pra reforma. Passa eleição, cabou. Quem votou, rodou. Sobra as dona. Maria tem salão, faz o dela, não quer depender. Mas eu aprendi que o que a gente ganha faxinando não dá pra viver. Não dá pra roupa, pra comida, pra óculo de grau. Fazer outra coisa, não presto.

Dos catorze irmãos, dois me seguiu. Vieram pra cá, descendo o país até o meio. Um tá no interior, peão de fazenda. Outro armou boteco. Já roubaram duas vezes esse ano. Renderam, meteram a mão no caixa, distribuíram bolacha e carregaram tudo no carro dele. Que não tá quitado. Ele vem me visitar, mas ônibus demora, às vezes domingo, pendura uma caixinha de Skol no mercadinho, faço galinhada, mas só se não tenho diária no Manso. Domingo é dia bom, muita dona reúne os amigos e a família, e é bom ter quem ajuda a cozinhar, lavar louça, passar pano, varrer, levar o que sobra pra não culpar de jogar fora.

Asfaltaram o bairro esse ano. Meu terreno é torto, não tem mureta, ergueram a rua. Agora chuva é igual encrenca. A mesa tá molenga. O fogão enferrujado. O colchão manchado. Se tudo der certo compro um armário no próximo vale. Que de nada vale. Pra desocupar as cadeira. Lérinho tá pra sair, quero receber. Ter onde sentar pra comer. Maria disse que se eu lavar cabelo pra ela, em duas semana compro outro colchão. Pra ele. Ela cortou meu cabelo. Pintou, que já tá branquinho. Todo enroladinho. Lembro de painho, ele fazia cadeira. Quero uma de fio pra deixar na frente da TV. Depois que Lérinho sair, se tudo der certo, e o gasto for modesto, daqui alguns vales compro a cadeira de fio. Se dona e Deus permitir, que a fé eu já tenho.

A NUVEM

Raymond Kurzweil diz
que a singularidade
se aproxima
que o orgânico
vai ser cada vez menos
orgânico

o nosso declínio total
se aproxima
dizem

ou nossa transmutação
renascimento
momento em que seremos
outra coisa
outro ser
existindo em correntes
elétricas
e software

até lá
será
que a Eneida será
pintura rupestre?
até lá
será
que esse poema
chegará?

ou talvez vire
nuvem
48 kbytes de informação
flutuando em uma galáxia
distante
em algum lugar
do nosso
universo



Stéfanie Sande

É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e autora dos romances “O último verso” (2016) e “Virgínia” (2020).





HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER



Anna Maria Ribeiro Costa

É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

EDUCAÇÃO MENSTRUAL NAMBIQUARA

Mulheres da etnia Nambiquara, desde pequeninas, seguem com rigidez os ensinamentos da educação menstrual. Passam a saber que devem se proteger de espíritos malignos que ficam à espreita para atacá-las. Amedrontadas por seus hábitos antropofágicos, cuidadosas se protegem em reclusão no interior de suas casas até o término do ciclo menstrual. O temor por essas criaturas é tão grande que durante esse período se comunicam por meio de sussurros. O trabalho diário, especialmente aquele desenvolvido ao ar livre é suspenso. Ausentam-se dos rios, córregos, lagoas, nascentes d'água, cachoeiras, lugares preferidos desses seres que, sempre vigilantes, cobiçosos por sangue, aguardam pacientemente suas vítimas.

A água dos rios e suas proximidades é a morada de muitos espíritos do mau, sempre dispostos a atacar. Mesmo com interferência dos espíritos ancestrais e sobrenaturais benfeitores, esses seres inumanos criam circunstâncias propícias para cruzar seus caminhos. O simples fato de vê-los pode levar uma pessoa à morte, caso não seja um pajé.

Somente o pajé tem propriedades para ludibriar espíritos. Por isso, cabe a ele indicar lugares inapropriados à presença humana, assim como ensinar seus nomes, sua aparência física e seus hábitos, incluindo os alimentares: cadáver putrefato, sangue, tubérculos coletados no fundo dos rios.

Meninas-moças, ao menstruarem pela primeira vez, permanecem em reclusão por uma Lua, mais ou menos. O estado catamenial a deixa extremamente vulnerável aos ataques dos espíritos maus. O odor catamênio é sentido de muito longe pelos espíritos do mal. É no interior da casa edificada especialmente para esse fim que meninas-moças aprendem com as mulheres mais velhas da aldeia os ensinamentos da educação menstrual, tornando-as mais confiantes e responsáveis. Nesse período, do tempo existente entre o ocaso e o nascente do Sol, o festival de iniciação à puberdade feminina entoa cantigas para fortalecer a menina, a espantar espíritos que aguardam qualquer momento para o ataque.

Dauptadahsu, um dos habitantes da **Haluhalunekisu**, a grande figueira suspensa no firmamento, é um dos seres mais temidos. Por se apresentar na aparência de gavião, deixa os galhos do enorme vegetal para, rapidamente, estar onde desejar e encontrar facilmente mulheres menstruadas para beber seu sangue. Logo depois, leva sua vítima até à árvore, onde serão mortas. Após se alimentar de todo o sangue menstrual de suas mulheres, as mata, levando-as até o céu, capturando suas almas e não as deixando seguir para a Casa das Almas, para onde deveriam ir após a morte para encontrar com sua ancestralidade.



PHÉ

REVISTA LITERÁRIA